Nós Partilhamos Um Só Corpo: Identidade e *role-playing* numa comunidade virtual portuguesa

Anabela Gradim, Universidade da Beira Interior

Passaram doze anos desde que Rheingold popularizou a expressão comunidade virtual, referindo-se à Well,¹ um conjunto de cibernautas da área de S. Francisco, em rápida expansão. Nessa obra, as comunidades virtuais são definidas como «agregados sociais surgidos na rede, quando os intervenientes de um debate o levam por diante em número e sentimento suficientes para formarem teias de relações pessoais no ciberespaço».² Desde então tal definição tem sido amplamente problematizada, e o debate longe de atingir um termo.

Num ambiente onde definitivamente *the message is the medium*,³ as comunidades de que falava Rheingold aumentaram exponencialmente em número, e são de uma variedade quase ilimitada. Em Portugal a chegada do fenómeno não teve o impacto bombástico de outras paragens, e o desenvolvimento de «comunidades» ocorreu de forma muito mais lenta e atenuada. Basta lembrar que a www começou a ser conhecida do público em geral em meados de 1995, mas difusão do computador pessoal, a banda larga e as tarifas planas só chegariam muito posteriormente. É pois recente, por cá, a possibilidade de ficar *online all the time for everyone*.

O propósito do presente trabalho é aprofundar, problematizando-o, o conceito de comunidade virtual. Postas as condições que a definem – e que permitirão distingui-la de outros espaços públicos – tratará o modo como se forjam as identidades nesses espaços, e do que está em jogo quando um sujeito projecta, recria ou inventa uma ou múltiplas personagens (não por acaso do latim, *persona*: máscara; e em Jung

¹. No clássico RHEINGOLD, Howard, **A Comunidade Virtual**, 1993, Gradiva, Lisboa, de que existe também desde há anos versão integral na página web do autor (www.rheingold.com). Note-se que a obra é de 1993, mas a Well (Whole Earth 'Lectronic Link) está a celebrar 20 anos, pois existe desde 1985.

². *Idem*, p. 18.

³. Expressão empregue por Tom Koch para referir a predominância dos conteúdos sobre o *medium*, invertendo o clássico aforismo de MacLuhan. KOCH, Tom, **The Message is the Medium – Online All the Time for Everyone**, 1996, Praeger Publishers, Westport.

“personalidade que o indivíduo apresenta aos outros como real, mas que, na verdade, é uma variante às vezes muito diferente da verdadeira”).

Estabelecidas as linhas metodológicas deste estudo, serão depois aplicadas sobre uma das comunidades virtuais portuguesas mais dinâmicas e bem sucedidas: o Fórum Concursos do Educare, criado pela Porto Editora.

Para uma definição de Comunidade Virtual

É vasta a configuração possível das comunidades virtuais, – dos pré-diluvianos *MUDs* operados por *telnet*, aos *MUSHes*, *MUSEs*, e *MOOs* de interface gráfico e 3D, passando por formatos mais simples mas não menos populares como os fóruns, *newsgroups* ou *mailing-lists*, até à explosão dos *blogs* - hoje *toddlers* na galáxia dos ciber-mundos – à volta dos quais em alguns casos também se cimentam verdadeiras comunidades de pertença e partilha.

É inevitável a pergunta: o que tem esta massa heteróclita de personagens e associações em comum, para merecer o nome de comunidade? E que problemas específicos importam estas pelo facto de serem realidades ditas «virtuais»?

Não é de hoje a dificuldade em definir o conceito de comunidade. Numa primeira aproximação, comunidade parece ser o conjunto daqueles que partilham ou têm algo em comum (um mesmo espaço físico, problemas, crenças religiosas, interesses, ou ideologias...) – mas se esta é uma condição necessária, não é certamente condição suficiente. Dito de outra forma: uma classe de indivíduos com algo em comum não constitui por si só uma comunidade.

O espaço onde se joga a comunidade e o sentimento de pertença que lhe é próprio é lábil, tem fronteiras difusas, e para além de diferentes indivíduos o percepcionarem de forma distinta, o “contrato social” em que se baseia pode ser objecto de negociações e ajustes. Onde localizar então o *quid*, o sopro que transforma um conjunto de indivíduos com algo em comum numa comunidade? Mais do que uma definição essencialista – que também tem o seu lugar - comunidade poderá ser entendida como processo, «o processo comunicativo de negociação e produção de uma

comunalidade de sentido, estrutura e cultura».⁴ Até meados do século passado, comunidade era habitualmente vista pressupor como condição necessária a existência de um *espaço físico comum* – e compreende-se, pois historicamente as comunidades humanas nasceram pela verificação de tal condição. Mas hoje, numa sociedade profundamente mediatizada, de que as CMC⁵ serão apenas uma última aquisição, tal já não é verdadeiro. Fernback⁶ sugere a oportunidade de encarar comunidade não já meramente como uma entidade física (embora também o seja), mas como realidade simbólica ou *comunidade de sentido*, isto é, de adoptar uma visão que privilegia «*substance over form*».⁷ Para lá dos aspectos físicos, uma comunidade virtual é real porque assim é percebida pelos seus membros, que lhe atribuem um significado, e se envolvem emocionalmente com as actividades que aí são prosseguidas.

Comunidade seria «um complexo de ideias e sentimentos»⁸ que dão corpo a uma identidade⁹ apta a extravasar limites físicos. É formada a partir do processo de comunicação entre os seus elementos, que lhe conferem significado, dão sentido a normas sociais, e estabelecem regras, hierarquias, e um património comum que constitui o legado dessa comunidade. Não parece pois exagerado dizer que, enquanto processo e entidade simbólica, as comunidades virtuais se assemelham muito às comunidades IRL.¹⁰

Temos pois que, mais do que um limite geográfico, a especificidade da comunidade é ser relação, comunicação, ou, para empregar uma terminologia cara aos medievais, comunidade é *ens rationis*, um ente de razão.¹¹ É um facto que ela existe

⁴ FERNBACK, Jan, «**There is a There There: Notes Toward a Definition of Cybercommunity**», in *Doing Internet Research – Critical Issues and Methods for Examining the Web*, ed. Steve Jones, Sage Publications, 1999, London, p. 205.

⁵ Acrónimo de *Computer Mediated Communication*.

⁶ Jan Fernback, *op. cit.*

⁷ *Idem*, p. 209.

⁸ *Idem*, p. 210.

⁹ E até isto já é bastante discutível com o aparecimento dos *bots*. Cf. TURKLE, Sherry, *A vida no ecrã – a identidade na era da internet*, 1997, Relógio D'Água, Lisboa, e a deliciosa história de Júlia.

¹⁰ Acrónimo de *In Real Life*. A este propósito: «As is our experience of community off-line, our experience on-line is similar. The sense of community is palpable, yet evanescent», in JONES, Steve, «**Information, Internet and Community: Notes toward an understanding of community in the information age**», in *Cybersociety: revisiting CMC and Community*, ed. Steve Jones; 1998, Sage Publications, London.

¹¹ «*Ens Rationis* é o que depende da razão, opondo-se ao ente real porque não tem nenhum ser nem existência fora do intelecto, mas só objectivamente — enquanto conhecido — reside na razão. É um tipo de ente, embora com um carácter entitativo mínimo, porque é conhecido como se fora um ente real, mas não tem existência física nas coisas do mundo. Todo o ente de razão resulta da actividade cognitiva

num espaço físico, o processo e os ficheiros daí resultantes são congelados em servidores, e podem ser recuperados a qualquer momento, é formada por pessoas in re que dispõem de alguma ligação física àquela Agora, etc. Mas a comunidade não está em nenhuma dessas coisas nem se deixa capturar aí – ela vive no espírito dos seus membros, onde é sonhada, imaginada, e recriada vezes sem conta – possui o tal carácter entitativo mínimo que é viver no espírito daqueles que a concebem, emergindo das relações por estes estabelecidas com os demais.

O Fórum Concursos visto ao espelho

O Fórum do Educare é um caso de sucesso. Com mais de 56.000 mensagens trocadas apenas desde o início de 2005, este espaço é frequentado maioritariamente por professores, mas também sindicalistas, pais, raros estudantes, agentes provocadores, e alguns funcionários do Ministério da Educação, tendo-se constituído como um *locus* de convívio e lazer, organizado em torno de preocupações e dúvidas comuns. Amizades e afectos, opiniões e debates, aflições, questiúnculas, disputas e rivalidades pontuam o dia-a-dia do fórum, que conta com a presença assídua e intervenção diária de boa parte dos seus membros, alguns dos quais vieram posteriormente a estabelecer relações de amizade *in re*, assinaladas por um encontro que teve lugar na região centro do País, de que haverá segunda edição em Outubro deste ano.

O Fórum surgiu em 2000, ano em que a Porto Editora lançou o Educare.pt, e inicialmente as participações eram totalmente anónimas. Depois de algumas vicissitudes devido ao anonimato completo, hoje os participantes têm de estar obrigatoriamente registado, a partir de um *e-mail*, e o acesso ao este espaço, para colocação de *posts*, é vedado a utilizadores que não tenham efectuado o seu registo. O número total de registados na base de dados é de, aproximadamente, 50 mil, número a considerar tendo

pois é o nosso próprio modo de conhecer que constrói apreensivamente como ente o que não é ente, pelo que todo o ente de razão resulta da cognição. Há dois tipos de ente de razão: negação e relação, sendo este último que ocupa João de São Tomás. A relação é um ente de razão porque é puro “ser para” e portanto não pode ser concebida absolutamente (em si), nem em outro sujeito, mas como “em direcção a outro”», TOMÁS, João de São, *Tratado dos Signos*, trad., introd. e notas Anabela Gradim, 2001, col. Pensamento Português, Imprensa nacional Casa da Moeda, Lisboa, p. 288.

em conta os relatos de duplos, triplos, e até mais registos, que por vezes aparecem no fórum.

Em termos de participações diárias, o número é muito variável, consoante as diferentes fases do concurso. Segundo a Porto Editora, em Maio do corrente ano a participação média cifrava-se em 500 mensagens por dia. Em momentos especiais, como durante a saída de listas ou colocações, as participações chegam a ultrapassar o milhar por dia. Mas mesmo sem *posting*, a participação é elevada, registando a Porto Editora uma média de 7 mil sessões por semana.

O inquérito que sustenta este estudo foi realizado na segunda semana de Setembro, tendo-se obtido 103 respostas ao questionário. Embora não seja possível objectivar quanto representam, em termos percentuais, relativamente à população total do fórum, estas respostas; pela observação desenvolvida nestes três anos parece bastante representativa dos utilizadores regulares, incluindo os participantes mais antigos e assíduos.

A amostra caracteriza-se da seguinte forma. Dezassete por cento dos participantes são do sexo masculino, e 83 por cento do sexo feminino, um número que não espelha as estatísticas de acesso à Internet nacionais, onde o número de homens é ligeiramente superior (57% contra 51%),¹² mas que reflecte a elevada taxa de feminização da classe docente no ensino não superior. A esmagadora maioria dos inquiridos, 62%, tem entre 26 e 35 anos; seguindo-se, com 19%, o grupo dos que têm entre 36-45 anos; os jovens entre os 15 e os 25 anos representam 16%, sendo que neste grupo 15 anos representa o limite mínimo, e corresponde apenas a um inquirido, enquanto todos os outros são maiores de 20; o grupo dos 46 aos 55 anos representa 3% do universo de inquiridos, e 55 coincide com o limite máximo de idade nas respostas recebidas.

Sensivelmente metade dos participantes no fórum colocam *posts* com frequência (49%), e um número idêntico assume-se como observador (49%), enquanto 2% não sabem ou não respondem. No caso dos observadores, verificaram-se em alguns casos inconsistências relativamente às respostas sequentes (escolhem *nicks*, ou usam vários *nicks*, por exemplo) que podem resultar de má interpretação da pergunta.

¹². In *Inquérito à utilização das TIC pela população portuguesa – dados preliminares de 2004*, disponível em: http://www.internet.gov.pt/publicacoes/estatisticas/OIC_2004_%20IUTIC%20041109.pdf, p. 10.

Noventa e nove por cento dos utilizadores acedem ao Fórum concursos preferencialmente a partir de casa, e apenas um por cento a partir de um ponto de acesso público. A maioria (58%) participa no Fórum há entre 1 e 3 anos; 26% fazem-no há mais de 3 anos; 6% há menos de um ano; 9% há menos de 1 mês, e 1% não sabe ou não responde.

A caracterização profissional dos inquiridos espelha a riqueza e diversidade dos participantes, e também a heterogeneidade de situações no interior desta classe profissional. Trinta e nove por cento são docentes contratados, 27% são docentes pertencentes aos quadros, 26% são docentes não colocados; e há ainda 4% de sindicalistas, 1% de estudantes e funcionários do Ministério da Educação, e 2% de cônjuges de docentes.¹³

Relativamente ao tipo de actividades desenvolvidas no fórum, pediu-se que classificassem de 0 a 10 a frequência com que participam em diversas categorias de acções. Para a apresentação dos dados apresenta-se a média, em escala de 0 a 100, dos pontos obtidos por cada categoria, sendo que, por se tratar de uma média, é representativa do conjunto global de actividades, mas não da de cada sujeito em particular. Por exemplo, há inquiridos que só colocam dúvidas, como há inquiridos que apenas respondem a dúvidas, etc. A distribuição da média de actividades pode ser analisada no quadro seguinte, contando-se, como actividades mais frequentes e populares, todas com valores médios acima dos 60 pontos percentuais o «Obter informações genéricas», «Esclarecer dúvidas pessoais» e «Partilhar Dúvidas sobre concursos».

Por outro lado, a satisfação dos participantes com a utilização do Fórum é notória, o que explicará certamente o sucesso deste e o elevado número de frequentadores. À pergunta «Considera que as **expectativas** com as quais se dirige ao fórum **são satisfeitas** por este?» 67% responderam que satisfaz Muito essas expectativas, 22% Pouco, 3% Nada, e 8% não sabem ou não respondem.

Com base no estudo conduzido junto desta amostra, recordemos que a questão inicial principal era determinar se o Fórum Concursos do Educare configurava algum

¹³. Embora «cônjuge de docente» não seja uma profissão, a situação apareceu referida em dois inquéritos, na rubrica «outros».

tipo de comunidade, aquilo que se convencionou chamar de *Comunidade Virtual*.¹⁴ Ao apurarmos que, na definição desta, uma componente fundamental é o facto de ser processo de criação de sentido, e de *viver* no espírito dos seus membros, fundando-se mais no estabelecimento de laços pessoais do que na presença assídua dos seus membros ou na quantidade de mensagens trocadas. Em suma, aquilo que chamamos de *ens rationis*. A esta luz, para determinar se o Fórum Concursos é uma comunidade, o mais apropriado é inquirir os membros a esse respeito – pois comunidade será declarada consoante a representatividade do sentimento subjectivo de cada um a esse propósito.

Os resultados do inquérito sobre este ponto são inequívocos: 85% dos participantes consideram que o Fórum é uma comunidade, 11% consideram que não, e 4% não sabem ou não respondem. No caso das respostas afirmativas, estas dividiam-se em três categorias: 42% consideram tratar-se de uma comunidade, sem qualquer outra qualificação; 39% acham que constitui uma comunidade, mas só no caso dos participantes mais assíduos; e 4% respondem o mesmo, mas reservam o termo ao caso dos participantes mais antigos.

«Uma espécie de identidade»

Neste ponto do trabalho pretendia-se avaliar alguns aspectos atinentes à questão da identidade. Recorde-se que o Fórum tem conhecido períodos particularmente movimentados neste domínio – desde o aparecimento de personagens de puro entretenimento, algumas muito interessantes e elaboradas; até manifestações do lado hydeano de alguns participantes; para terminar numa onda de *posts* bastante impróprios, verificada este Verão, que configuravam um verdadeiro ataque, e que levou a Porto Editora a intervir, ameaçando identificar e proceder judicialmente contra os prevaricadores.¹⁵ Este post, datado dessa altura, resume bem o episódio:

¹⁴. Noto que esta designação já foi criticada e posta em causa, com o argumento de que «virtual» é o que não tem existência, e que sendo as comunidades constituídas através de CMC reais, é um contra senso apelidá-las de virtuais. A questão tem demasiado que se lhe diga para pretender aqui dirimi-la (pode ser analisada à luz da querela medieval *Reales vs. Nominales*). Parece-me apta a designação, por isso a venho utilizando, pois *virtual* refere-se não à questão ontológica, mas ao facto de falarmos de comunidades constituídas a partir de comunicações mediadas por computador.

¹⁵. Este aviso surgiu durante algum tempo em todas as páginas do Fórum: «Na sequência da utilização abusiva deste espaço por parte de alguns utilizadores ao longo dos últimos dias, o EDUCARE.PT informa que irá agir em conformidade e denunciar estes casos junto das autoridades competentes.

Como disse a, era um "cenário dantesco"

- (27-08-2005)

quando acordei ontem, vi os posts e reparei em algumas mensagens em meu nome a comentar a minha vida sexual (pois...), mas não dei importância. Pela manhã fora, apercebi-me q tal acontecia com os colegas até q chegamos a um ponto em q qualquer mensagem nossa era repetida, sendo-lhe acrescentados "conteúdos obscenos". Progressivamente, fomos abandonando o Fórum, e mandamos mails para o Educare. Às 13.50, liguei p o Educare (provavelmente outros fizeram o mesmo) e a sra q atendeu disse q a responsável resolveria o problema qdo voltasse do almoço. Assim, foi baniram o usurpador de nicks, colocaram a mensagem q agora se vê etb um filtro, para q não passem mensagens col termos impróprios. Apagaram os posts, mas era uma coisa do pior!

No Fórum os casos de *nicks* múltiplos são evidentes,¹⁶ e um uso tão inapropriado, como o que ocorreu este Verão, do relativo anonimato permitido pela Porto Editora é claramente situação de excepção. Sendo que muitas das participações de *nicks* com «história» e «personalidade» próprias são de grande valor, os participantes foram inquiridos sobre o modo como costumam identificar-se naquele espaço. Dezasseis por cento utilizam o próprio nome, e 20% empregam o próprio nome e fornecem ainda dados reais. Parece haver alguma correlação entre a idade dos participantes e o facto de se identificarem com o próprio nome e pormenores que permitem identificação, sendo que tendem a ser tanto mais «verdadeiros» na sua apresentação quanto maior o escalão etário. A explicação de um dos participantes para uma entrada tão transparente num fórum de anónimos é, a este respeito, esclarecedora: «[identifiquei-me com nome e dados reais] ... porque nem pensei noutra possibilidade, uma vez que era a primeira vez que participava num fórum».

Vinte e sete por cento dos inquiridos identificam-se com um *nick* e fornecem dados reais; 25% identificam-se com um *nick* sem fornecer quaisquer dados; 20% identificam-se com o próprio nome e dados reais; 15% apenas com o nome, 4% utilizam um *nick* e dados alterados; e 8% *nick* e dados imaginários.

Através destes dados, poderíamos supor que a galeria de personagens que vem ora animando, ora entretendo, ora provocando o Fórum, tem origem em não mais do

Lembramos que todas as participações se encontram registadas na nossa base de dados, juntamente com os endereços de e-mail e IP de cada utilizador, e que esses dados que servirão para apurar a identidade e responsabilizar os infractores».

¹⁶. São evidentes e, simultaneamente, nunca são inequivocamente dirimíveis. Supõe-se que x é y, acusa-se z de ser g, pergunta-se a h se é j – mas nem a resposta, quando a haja, se pode garantir que provenha daquele que é questionado.

que oito participantes. Ao mesmo tempo, conclui-se que o anonimato, garantido pela utilização de nicks, é a regra (64%), embora este possa ser quebrado, casuisticamente, fora do fórum.

A esmagadora maioria dos inquiridos mantém-se fiel ao mesmo *nick* desde que acede ao Fórum (69%), uns significativos 22% já mudaram de *nick*, mas não usam vários em simultâneo; e 9% empregam vários ao mesmo tempo.

Esta percentagem mantém-se estável no quadro seguinte, que oferece os resultados da resposta à seguinte questão: «**Identifica-se totalmente com o nick** que utiliza? Isto é, considera que a sua personalidade, do ponto de vista das qualidades, é idêntica à personalidade manifestada no fórum?». Sessenta e sete por cento identificam-se totalmente; 21% não se identificam totalmente com o *nick* do ponto de vista das qualidades, e 12% não sabem ou não respondem.

À questão de saber se «existe alguma diferença entre o carácter que ostenta o *nick*, e o seu modo de estar quotidiano quando não se encontra no fórum?», 11% não sabem ou não respondem, 16% consideram que existe diferença, e 73% que não.

Por outro lado, só seis por cento dos inquiridos admitem que, utilizando vários *nicks*, os traços de personalidade exibidos por cada um deles são distintos, contra oito por cento que utilizam vários *nicks* cuja «personalidade» não se altera, e 86% a quem tal questão não é aplicável.

Já o *attachment* dos inquiridos ao *nick* ou nome com que intervêm e ao papel que estes desenvolvem junto da comunidade, parece muito elevado. À pergunta «Se o *nick*/nome com que costuma intervir fosse atacado, difamado ou ridicularizado por outros participantes, isso afectá-lo-ia?», trinta e três por cento responderam que se sentiriam muito afectados, 35% pouco afectados, e só 24% nada afectados. A explicação para o número relativamente baixo dos que ficariam «muito afectados» prende-se com o facto de desqualificarem os possíveis agressores, que se escondem por trás do anonimato, e cujos motivos podem não ser muito claros. Mas que a *performance* do *nick*/nome preocupa os utilizadores, isso é um dado inequívoco, pois a usurpação é vista como algo de muito negativo. Os 59% que se importam pouco ou nada com um ataque, descem para 37% quando falamos de usurpação. À questão seguinte: «Se o seu *nick* fosse usurpado e utilizado em *posts* impróprios, isso afectá-lo-ia?», 59% se sentir-

se-iam mesmo muito atingidos, o que denota cuidado expressivo com a *performance* da respectiva personagem no Fórum.

Por fim, o anonimato no Fórum é encarado como positivo por 56% dos participantes, ao passo que 28% o consideram um dos aspectos negativos. Mesmo assim, uma percentagem elevada não obstará à existência de um moderador, que lesse e filtrasse a totalidade dos *posts* (50%), o que não é de todo incompatível com a manutenção do anonimato, 20% consideram essa eventualidade pouco positiva, e 15% muito negativa.

Conclusão

A realidade de uma comunidade é evanescente. Quando bem sucedidas são um poderoso instrumento, de informação, convívio, terapia... podendo ser utilizadas pelos seus membros com fins muito diversos. Algumas tornaram o seu acesso pago, como a Well ou a Usenet. Outras viram nascer a montante movimentos e associações de interesses mais restritos, caso do Fórum Concursos, que esteve na origem do MQED – Movimento de Quadros de Escola Desterrados¹⁷, ou dos Professores Contratados.¹⁸

Um dos aspectos mais curiosos é que não basta criar uma infra-estrutura apta a receber participações públicas, e publicitá-la, para que «comunidade» aí se verifique. O nascimento de uma comunidade nunca pode ser provocado exogenamente, como o provam a existência de dúzias de fóruns sem sucesso. As interações de que vêm a resultar comunidades são um processo misterioso, miraculoso e frágil, mas também tenaz e incrivelmente resistente. Não há receitas para a produção de comunidades participadas e dinâmicas, mas há, pelo menos, dois ingredientes que não são de desprezar: acesso às CMC por parte do público-alvo, e interesses, problemas ou questões comuns que o acesso à comunidade pode ajudar a suavizar ou resolver.

As identidades que se constroem em estruturas do tipo do Fórum Concursos são também muito diferentes das dos *muds*. Neste aspecto, o fórum da Porto Editora é um objecto particularmente interessante e exótico, porque aí encontramos o «ciber-

¹⁷. <http://pwp.netcabo.pt/desterrados/default.htm>

¹⁸. <http://www.professorcontratado.pt.vu/>

transformismo» e a construção de personagens em tons e matizes muito diversos, e tal variedade não é a regra em estruturas deste tipo. O sucesso do Fórum, e o pulular de identidades, estão indelevelmente associados ao anonimato garantido pela Porto Editora – e é sintomático que a empresa nunca o tenha eliminado, apesar dos problemas e conflitos a que por vezes dá origem.

Nos *muds* encontramos o forjar de identidades de linha dura, *ie*, personagens de vida alternativa que chegam a sobrepor-se à criatura IRL que lhes deu origem. Já no Fórum Concursos as «personagens» são mais matizes de uma mesma identidade, *flavours* de uma personalidade que se vão actualizando consoante as interacções em curso (o poeta, o brincalhão, o prestável, o zangado, o brejeiro...). Aliás, tudo indica que uma parte das participações de *anónimos-sem-história* são produzidas por residentes que querem dizer algo, mas não desejam macular a imagem do *nick* principal. Porque o *attachment* de todos à personagem principal é notório – como o demonstram as fortes reacções à usurpação de *nicks*. Nessas relações anónimas estabelecidas entre pares, o *nick* é «só um nome», e «aquilo não sou eu» - mas aí de quem lhe toque.